

A Geopolítica das Relações entre Rússia e Turquia

*Douglas Rocha**
*João Paulo Alves**

RESUMO: A Federação Russa e a República da Turquia são dois atores de importância primária para as relações internacionais contemporâneas e que se encontram geograficamente próximos. Parte-se do pressuposto de que a geografia tem papel essencial em suas interações, as quais inevitavelmente ocorrem nas regiões circundantes que unem os países, havendo sobreposição de interesses. A partir de uma avaliação dos aspectos teóricos e históricos demonstra uma tendência concorrencial apesar dos esforços cooperativos entre Moscou e Ancara. Enfim, entende-se que o período atual é marcado por uma crise nos três pontos de convergência de suas ambições como potências regionais (Cáucaso, Mar Negro e Oriente Médio), constituindo-se em uma verdadeira Zona de Tensão Internacional (ZTI).

PALAVRAS-CHAVE: Geopolítica; Política Externa; Eurásia; Rússia; Turquia

* Graduando do 5º Semestre de Relações Internacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (e-mail: douglasqrocha@gmail.com)

* Graduando do 5º Semestre de Relações Internacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (e-mail: joaop.ma22@gmail.com)

1 Introdução

Os recentes acontecimentos no Oriente Médio têm chamado a atenção de pessoas no mundo todo, em função da dimensão que os conflitos regionais têm assumido e a forma como atores extrarregionais têm reagido aos seus desenvolvimentos. Nesse sentido, o presente trabalho encontrou motivação nos eventos atuais envolvendo Rússia e Turquia, como a derrubada de uma aeronave russa Su-24 pela força aérea turca, em 24 de novembro de 2015. O presente artigo, dessa forma, centra-se no seguinte questionamento: qual é a matriz das relações entre Rússia e Turquia desde que se tornaram atores importantes na região?

Dessa forma, o estudo foi guiado a partir de dois objetivos chave, que motivaram a revisão literária e o estudo de análises estratégicas para a composição do artigo. O primeiro envolve a compreensão da esfera geopolítica da Eurásia, na busca de entender de que forma a relação geográfica entre ambos os países, e desses com as suas zonas circundantes, afeta as suas relações bilaterais. Já o segundo envolve a análise das relações russo-turcas propriamente ditas, desde uma perspectiva histórica, até o presente momento, buscando compreender o desenvolvimento das mesmas.

Para tal finalidade, estabelecem-se três hipóteses que visam a dar fundamento ao artigo, quais sejam: (i) a proximidade geográfica entre os dois países, em posições extremamente estratégicas para o continente Eurasiano, afeta de forma significativa as suas relações bilaterais, na medida em que há uma sobreposição de interesses na formação de esferas de influência; (ii) as zonas onde há esta sobreposição de interesses, e onde houve disputas significativas entre os dois países no decorrer da história, correspondem a três regiões geopolíticas: Mar Negro, Cáucaso e Oriente Médio; (iii) no século XXI, vê-se um direcionamento dos interesses dos dois países em direção ao Oriente Médio em função de alterações em suas respectivas políticas externas.

Portanto, o trabalho inicia com um estudo acerca da dimensão geopolítica das relações bilaterais, utilizando-se de obras seminais e de autores consagrados na geopolítica e geoestratégia para criar as bases para a compreensão do desenvolvimento. Em seguida, faz-se uma breve dissertação acerca da história das relações entre Rússia e Turquia, buscando desenvolver uma análise sobre duas das três regiões focais - Mar Negro e Cáucaso - estabelecidas em nossas hipóteses. Por fim, realiza-se uma análise da atual situação das relações entre os dois países, expondo um estudo da maneira como essa interação toma forma na região do Oriente Médio.

2 A Dimensão Geopolítica das Relações Rússia-Turquia

A partir da obra de Friedrich Ratzel, *Politische Geographie*, escrita em 1897, a noção da interferência da geografia nas relações políticas passou a ser considerada de forma significativa, na medida em que o próprio Estado não poderia ser concebido sem as devidas considerações quanto ao seu território (RATZEL, 1988). Desse ponto, uma série de estudos buscou compreender de maneira mais específica como o fator geográfico de fato impacta no desenvolvimento da política internacional. Dessa forma, surgiu o ramo conhecido como Geopolítica, que busca aliar os aspectos geográficos da política com os interesses nacionais e as capacidades do Estado em específico.

É no estudo da Geopolítica que se insere um autor chave para a análise da região na qual encaixam-se os dois países aqui estudados. Halford J. Mackinder, em 1904, dissertou em seu artigo *The Geographical Pivot of History* acerca da importância do continente Eurasiático para a política internacional, estabelecendo uma teoria que influenciou pensadores das Relações Internacionais ao longo de todo o século XX. Em sua obra, descreve o continente como detentor de uma massa territorial de dimensões ímpares, estendendo-se do Ocidente ao Extremo Oriente, e de características geográficas – como relevo, vegetação e hidrografia – privilegiadas para a formação de centros de poder. Assim, no decorrer da história, a Eurásia esteve no centro do comércio mundial bem como das mobilizações de exércitos e civilizações (MACKINDER, 1904).

Zbigniew Brzezinski, ex-Conselheiro de Segurança Nacional dos Estados Unidos, aprofundou a análise estratégica da região, a partir de seu conceito de Frentes Basilares. A Primeira Frente corresponde ao Extremo Ocidente da Eurásia, sendo uma linha que estende-se ao redor do Mar Negro (entre os Balcãs e a Turquia). Sua identificação surgiu entre as décadas de 1940 e 1950, com a expansão da influência Soviética, e a consequente contenção promovida pelos Estados Unidos com a Doutrina Truman (BRZEZINSKI, 1997). Da mesma forma, utiliza-se aqui a chamada Terceira Frente de Brzezinski, que corresponde ao Sudoeste do continente Eurasiático, estendendo-se do Cáucaso ao Oriente Médio. A sua identificação ocorreu na década de 1970, com a ascensão dos regimes revolucionários apoiados por Moscou na Síria, no Iraque e no Irã, e a reação securitária de Washington, materializada na Doutrina Carter (BRZEZINSKI, 1997).

Em sentido mais estrito, pode-se pensar na geopolítica destas relações como resultado da história imperial entre os dois atores. Como bem mostra Julia Ioffe (2015), em seu artigo publicado na revista *Foreign Policy*, por séculos o Império Russo chocou-se com o Império Turco Otomano, e tais disputas sempre envolveram em alguma medida o *Heartland* turco. Certos aspectos permanecem até dias atuais, nas disputas entre esses dois “impérios” que “continuam a se desintegrar

violentamente, décadas após suas dissoluções formais”. Inflamados pelos seus respectivos líderes, Vladimir Putin e Tayyip Erdogan, há uma tentativa de recriar as imagens desses grandes impérios e de seus gloriosos tempos passados (IOFFE, 2015).

O que se pode concluir destas análises é que a Eurásia como um todo e, mais especificamente, as regiões de encontro entre estes dois países, têm importância central para as relações internacionais. Ainda mais, a geopolítica mostra que de fato há evidências concretas, como a existência de reservas energéticas, que fundamentam uma sobreposição entre os interesses dos dois Estados. Sendo assim, é de extrema relevância, ainda mais frente aos recentes acontecimentos, que se realize um estudo sistemático das relações entre estes dois países, partindo de uma perspectiva histórica e culminando com uma análise da situação atual, a fim de compreender possíveis desdobramentos futuros no âmbito das relações internacionais.

3 Dos Impérios à Guerra Fria: uma Análise Histórica

Parte do processo de ascensão e consolidação da Rússia e da Turquia como potências regionais deveu-se, em grande medida, ao acesso e controle do Mar Negro. A região do Mar Negro se mostra altamente estratégica nas relações entre Rússia e Turquia, remontando ao início da Idade Moderna. Com a tomada de Constantinopla pelo Império Otomano e o consequente domínio sobre os Estreitos de Bósforo e Dardanelos, o Mar Negro passou a ser controlado pelas forças otomanas. Tal conjuntura possibilitou a afirmação do Império Otomano como potência marítima dominante na região, a qual possuía grande importância econômica devido a sua localização entre as principais linhas de comércio vindas do Oriente (ARRIGHI, 1996; KENNEDY, 1989). A partir dessa posição, o avanço pelo norte da África e pelo Oriente Médio foi assegurado e permitiu que o Império Otomano expandisse sua projeção de força marítima no Mediterrâneo Leste em desafio direto aos reinos europeus cristãos (KENNEDY, 1989).

O processo de ascensão da Rússia como potência regional, por outro lado, iniciou-se entre o final do século XVII e meados do século XVIII, sob os reinados de Pedro, o Grande e Catarina, a Grande. Durante estes séculos, o Império Russo, em sua tendência expansionista, buscou avançar em direção aos “mares quentes”¹, seja em direção ao Mar Báltico, seja em direção ao Mar Negro. A condição territorial da Rússia incentivou o avanço em direção ao Cáucaso e ao Mar Negro durante o século XVIII, em que o acesso ao Mar de Azov e a conquista da Crimeia,

¹ A condição geográfica da Rússia, fortemente territorial, dificultou o avanço marítimo deste país, uma vez que os portos existentes se encontravam em águas congeladas durante boa parte do ano. Dado esta situação, alcançar o Mar Mediterrâneo e o Oceano Atlântico, através dos Mares Negro e Báltico, se tornou objetivo central para a política externa russa.

principal base naval da Rússia desde então, asseguraram a preponderância naval e comercial russa na região (BUSHKOVITCH, 2014). Esse avanço correspondeu a uma modificação na balança de poder da região, demonstrando a ascensão da Rússia como poder dominante no Mar Negro frente a um Império Otomano que já apresentava sinais de decadência e fragmentação no final do século XVIII.

A importância estratégica que o Mar Negro e os Bálcãs representam para a Rússia deve-se a condição territorial do país, conforme salientado. O controle sobre o Mar Negro e o acesso ao Mar Mediterrâneo se tornaram objetivos essenciais para o desenvolvimento da economia russa, uma vez que o Mar Negro representa o principal acesso ao interior do país e a principal porta para as exportações e importações russas. Assim, o controle sobre os Estreitos Turcos se tornou imperativo para a política externa russa, devido aos laços que ligam o Estado russo à Constantinopla, antigo centro da religião ortodoxa² (KISSINGER, 2014). O Império Russo atingiu seu objetivo com o Tratado de Kuchuk Kainarji (1774), quando garantiu a livre navegação com o Mar Mediterrâneo através dos Estreitos Turcos, além de privilégios comerciais importantes. Tal fato demonstrou a superioridade militar e política da Rússia em relação aos otomanos (JELAVICH, 2004).

Dada essa necessidade estratégica, durante o século XIX, o Império Russo buscou expandir sua presença na região dos Bálcãs através de sua influência política. Os laços de similaridade religiosa entre a Rússia e os países balcânicos, por meio da religião ortodoxa, foram instrumentalizados como justificativa para o avanço político na região. O título dado a Nicolau I de “protetor dos cristãos ortodoxos” do Império Otomano está intimamente ligado aos objetivos políticos russos (JELAVICH, 2004). No entanto, a expansão em direção aos territórios otomanos durante o século XIX gerou temores entre as grandes potências europeias sobre o destino do Império Otomano e do possível controle russo sobre os Estreitos Turcos. A presença da Rússia no Mediterrâneo Leste colocaria em risco as linhas de comunicação entre a Europa e o continente asiático, principalmente a Índia, através do Canal de Suez. Assim, a Guerra da Crimeia (1853-1856) demonstrou a importância estratégica que o Império Otomano representava como contenção à Rússia na região do Mar Negro, o que justificou o apoio britânico e francês aos otomanos (HOBSBAWM, 2014).

A segunda região tida na hipótese deste trabalho como foco de convergência dos interesses desses Estados é o Cáucaso, principalmente no que diz respeito ao período que vai da Guerra Fria à primeira década do século XXI. Para a Rússia, o Cáucaso é uma zona fronteira na qual existe a possibilidade de projetar poder e limitar as ameaças à sua segurança, através da contenção de forças armadas

2 Tais laços religiosos dentro do cristianismo ortodoxo estão presentes desde a formação do Império Russo, uma vez que após a queda de Constantinopla e do Império Bizantino, antigo centro da religião, a Rússia autoproclamou-se como centro da ortodoxia, buscando fundar uma “Terceira Roma” (KISSINGER, 2014).

estrangeiras ou de grupos rebeldes armados. Em função disto, o país conserva seu status de principal ator externo no local, mantendo fortes vínculos com as economias da região, além da presença militar no território da Armênia. Já para a Turquia, o Cáucaso representa um instrumento para a sua consolidação enquanto plataforma de transporte energético para a Europa, uma vez que a região localiza-se entre a Ásia Central, o Mar Cáspio e o território europeu. Com isso em mente, Ancara empenha-se tanto em projetos de infraestrutura³, quanto no suporte diplomático e político para estes países (KUCHINS e MANKOFF, 2013).

Durante grande parte da segunda metade do século XX, as relações entre Rússia e Turquia envolveram disputas territoriais no Cáucaso decorrentes dos tratados de limites⁴ firmados após a desagregação do Império Turco Otomano. Com o início da Guerra Fria, a União Soviética endossou os sentimentos nacionalistas da Geórgia, que reclamou pela posse da região da Trebizonda, no norte da Turquia e nas margens do Mar Negro. De forma similar, a Armênia buscou a reincorporação de territórios historicamente pertencentes a si, além da repatriação dos emigrados armênios que fugiram dos massacres turcos no início do século. No entanto, ao dar voz a tais demandas e pressionar o governo Turco, Josef Stalin obteve dois resultados negativos: o fardo econômico gerado pelas imigrações em massa dos armênios, muito além de suas expectativas, e a busca da Turquia por proteção em uma aliança com os Estados Unidos. Destes acontecimentos, resultou a aproximação da Turquia com a comunidade Euro-Atlântica e a sua integração à OTAN, em 1952 (SAVRANSKAYA e ZUBOK, 2004).

Após o colapso da União Soviética em 1991, formou-se um vácuo de poder na região, fomentando um novo jogo de potências regionais na busca pela predominância de influência. Assim, constituiu-se uma nova disputa envolvendo Turquia, Rússia e Irã e suas respectivas políticas para o Cáucaso. A Turquia foi vista pelos rivais vizinhos como uma ameaça por poder estabelecer uma hegemonia Pan-Túrquica em suas fronteiras, principalmente após o reconhecimento da independência do Azerbaijão. Já a Rússia, após um pequeno período de isolamento, retomou sua política assertiva para a região e buscou enfatizar que a estabilidade da região só seria plena com a participação russa nos assuntos do Cáucaso. O Irã, em contraposição, mostrou-se como um possível líder da comunidade muçulmana na região, sendo proponente do modelo Islâmico de governo e sociedade, preocupando tanto a Rússia e a Turquia, quanto o Ocidente (AYDIN, 2002).

Localmente, o Cáucaso passou a enfrentar uma conjuntura de instabilidade graças aos movimentos nacionalistas e separatistas da região, o que tem impactado

3 Por estarem próximos às maiores reservas de petróleo e gás do mundo, localizadas no Golfo Pérsico e no Cáucaso, tanto a Rússia quanto a Turquia possuem objetivos e projetos concorrentes (South Stream e TANAP, respectivamente) para a extração e distribuição desses recursos com destino aos mercados consumidores da Europa.

4 Destacam-se o Tratado de Lausanne e o Tratado de Kars, sendo o último responsável pela determinação das fronteiras entre a República da Turquia e a União Soviética (BRITANNICA, 2016).

diretamente nas relações entre Rússia e Turquia. Em síntese, a Geórgia distancia-se cada vez mais da Rússia, apoiadora dos movimentos independentistas da Ossétia do Sul e Abecásia desde 1991, e aproxima-se de alianças com o Ocidente e a Europa, principalmente através da OTAN. Já Armênia e Azerbaijão enfrentam-se no conflito de Nagorno-Karabakh, uma região do Azerbaijão cuja maior parte da população é armênia. Nesta questão percebe-se mais claramente a rivalidade entre Rússia e Turquia: enquanto os russos enviaram suporte às tropas armênicas durante o conflito nos anos 90, assegurando-lhes a vitória e garantindo um parceiro estratégico, os turcos permanecem como “patronos” do Azerbaijão, que se aproveita de suas reservas abundantes de gás e petróleo para firmar parcerias com Ancara visando a exportação para o Ocidente (CHAUSOVSKY, 2015).

Não obstante, as relações entre estes dois Estados no que diz respeito ao Cáucaso distanciaram-se de inclinações agressivas nos últimos anos, dada a posição da Turquia nesse âmbito. Internamente, a ascensão do partido AKP (Partido da Justiça e Desenvolvimento) significou uma reorientação dos objetivos da Turquia, com uma política externa mais independente, autônoma, abrangente e diversificada (KANAT, 2010). Externamente, a Turquia adotou o conceito de ‘profundidade estratégica’ e de ‘zero problemas com vizinhos’ em sua política externa até 2011, tentando tornar-se proponente da estabilidade em suas regiões circundantes. Estes aspectos, somados a aproximação econômica e comercial com a Rússia, atenuaram a sua rivalidade na região durante a primeira década dos anos 2000, culminando com a criação da Plataforma de Estabilidade e Cooperação do Cáucaso, que envolve os dois países e os três Estados independentes da região (OSKANIAN, 2011).

4 A Atual Crise nas Relações Russo-Turcas

Durante a primeira década dos anos 2000, os ânimos dos dois países permaneceram relativamente contidos, o que evitou enfrentamentos diplomáticos de grande relevância. Em grande medida, a interdependência econômica que emergiu após o fim da Guerra Fria foi responsável por esta estabilização. No entanto, foi também durante este período que começaram a se delinear as bases para a atual crise das relações entre Rússia e Turquia, lapidada por dois grandes eventos internacionais envolvendo as regiões de choque. A consolidação da crise ocorre em 2015, após a intervenção russa na Síria e a posição antagonista dos dois países na disputa regional do Oriente Médio.

A retórica de aproximação dos dois Estados foi responsável por um período de relativa cooperação em âmbito internacional, passando a impressão de que ambos estariam sendo capazes de fugir da tendência histórica conflituosa, e inclusive levantando a suspeita da formação de um eixo Russo-Turco de amizade. Como consequência empírica, houve um aumento expressivo no comércio entre os dois

países – alcançando a marca dos US\$ 33 bilhões em 2012 – e a recusa turca em participar do recente embargo ocidental imposto à Rússia. Ademais, houve importante cooperação estratégica no setor de infraestrutura: em 2010, uma subsidiária da companhia russa *Rosatom* propôs a cooperar no desenvolvimento de tecnologia nuclear na Turquia através da construção de sua primeira usina nuclear na cidade costeira de Akkuyu (AKTÜRK, 2016; ALARANTA, 2016)

A despeito disso, conforme mostra Mankoff, “a *entente* Russo-Turca repousa sobre alicerces geopolíticos rasos, que têm sido repetidamente abalados pela proliferação de conflitos locais”⁵ (MANKOFF, 2016). O mesmo período presenciou a origem e o apogeu da atual crise nas relações entre Rússia e Turquia, com situações pontuais em cada uma das regiões de conflito, as quais se desenvolveram na atual conjuntura de tensão: a Guerra da Geórgia (2008), a invasão da Crimeia (2014) e a intervenção na Síria (2015).

A Geórgia é um país localizado no Cáucaso e que atua como “Estado-tampão” entre Turquia e Rússia, sendo invariavelmente parte da estratégia de ambos. Por um lado, Tbilisi encontra-se atualmente como aspirante à vaga de membro da Organização do Tratado Atlântico Norte. Por outro, é um ex-Estado membro da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. No entanto, o país vê-se obrigado a voltar grande parte de sua atenção para questões internas decorrentes das suas diversas regiões separatistas, nominalmente a Adjara, a Abecásia e a Ossétia do Sul – todas com orientações pró-Rússia.

Em 2003, a chamada Revolução Rosa levou Mikhail Saakasvili à presidência, sob promessas de amenização dos anseios nacionalistas e separatistas e, consequentemente, da consolidação da autoridade do governo central. Como resultado disso, em 2004 o movimento foi responsável pela renúncia do líder separatista Aslan Abashidze da região de Adjara e pela supressão do seu status de província autônoma *de facto*. Em 2008, no entanto, a sua tentativa de reproduzir a mesma política com a região da Ossétia do Sul resultou em uma resposta russa extremamente agressiva. Assim, tropas russas invadiram o país em oposição às “agressões” georgianas aos povos ossetos e derrotaram as forças armadas da Geórgia – forçando o reconhecimento das regiões separatistas como autônomas e expandindo a sua presença militar na região (AKTÜRK, 2016). O reforço à posição russa na região em detrimento dos esforços turcos de aproximação via OTAN foi o marco inicial do acirramento das tensões bilaterais.

O segundo marco de crise entre os dois países se deu com os acontecimentos e consequências resultantes da anexação da Crimeia pela Rússia, em março de 2014. A anexação da Crimeia foi o resultado último da crise política pela qual a Ucrânia passava desde novembro de 2013, quando protestos populares eclodiram pelo

⁵ Tradução livre dos autores.

país, principalmente em torno da praça Maidan em Kiev. Após recusar assinar um acordo com a União Europeia em favor de um acordo financeiro com a Rússia, o então presidente, Viktor Yanukovich, presenciou uma onda de protestos contrários a sua decisão que exigiam sua renúncia ao cargo de presidente (AKTÜRK, 2016). Durante o desenrolar dos acontecimentos, claramente desfavoráveis a Yanukovich, soldados mascarados invadiram a Crimeia, cercaram os principais edifícios políticos e estabeleceram o controle sobre a península e a cidade de Sebastopol, principal base naval russa no Mar Negro. A anexação da Crimeia foi consolidada em março de 2014, após um referendo popular em favor da sua incorporação à Rússia (AKTÜRK, 2016; ROCHA, EICHNER, *et al.*, 2015).

Contudo, o controle integral da Rússia sobre a península da Crimeia resultou em uma mudança na balança de poder da região ao possibilitar a hegemonia da Marinha Russa sobre o Mar Negro. Conforme Aktürk (2016) aponta, a localização estratégica da Crimeia em relação ao Mar Negro possibilitou à Rússia tornar-se hegemônica em termos militares e estratégicos frente aos demais Estados da região, apresentando-se como a maior ameaça militar direta à Turquia que até então gozava de uma posição de superioridade no Mar Negro (AKTÜRK, 2016). O grande trunfo estratégico atingido por Moscou está no fato de que o Mar Negro e a Crimeia apresentam um potencial de projeção de forças tanto no eixo Norte-Sul, em direção aos Bálcãs, Europa Central e Oriente Médio Setentrional, como no eixo Leste-Oeste, em direção ao Mediterrâneo Leste e ao Cáucaso (BUGAJSKI e DORAN, 2016).

Um aspecto central a ser levado em conta é o controle integral, pela Rússia, da base naval de Sebastopol, o que possibilitou o aperfeiçoamento e expansão dessa base, o principal porto de águas profundas em território russo. Esses avanços estratégicos estão em consonância com o objetivo de Moscou para a modernização e expansão da Frota do Mar Negro nos próximos anos, inclusive com a implementação de um sistema de A2/AD no seu entorno (BUGAJSKI e DORAN, 2016). A partir dessa conjuntura, a Rússia tornou-se capaz de neutralizar as forças navais dos países costeiros – principalmente forças da Turquia e de outros países membros da OTAN (Romênia e Bulgária) –, além de controlar as principais linhas de comunicação e gasodutos que atravessam o Mar Negro (BUGAJSKI e DORAN, 2016).

Por fim, as disputas geopolíticas entre Rússia e Turquia escalaram ao seu ápice com a ocorrência de novos choques de interesses, agora definitivamente rompendo com o período atípico de entendimento entre os dois países. Em 2015, a tendência cooperativa foi alterada pela intervenção russa na Síria, evidenciando o terceiro palco das contendas de poder. Assim, consolidou-se um novo período de hostilidades nas relações bilaterais, não mais restrito a competições regionais separadas, mas unificado em um único arco de crises.

Esta unificação, no entanto, não impediu o destaque do Oriente Médio como ponto focal da contraposição dos interesses desde a última década. A Turquia, com a ascensão do partido AKP ao poder e a busca por uma política externa mais autônoma e menos vinculada automaticamente ao Ocidente, buscou reverter a sua histórica negligência com relação ao Oriente Médio. Assim, Ancara buscou aproximar-se bi e multilateralmente dos países da região, através de uma diplomacia ativa e participativa em litígios regionais – sendo mediadora das hostilidades entre Síria e Israel e Síria e Iraque, em 2008 e 2009 (KANAT, 2010).

Já a participação da Rússia nas relações do Oriente Médio se deu de forma pragmática ao manter-se afastada dos conflitos que emergiram com a Primavera Árabe, em um primeiro momento, passando para uma posição mais engajada a partir de 2014. Nos primeiros anos após 2011, as relações exteriores com os países europeus se enquadraram como foco principal da política externa russa, justificado pela possibilidade de expansão da OTAN em direção à Ucrânia e após, em 2014, com anexação da Crimeia. A indefinição a respeito da crise ucraniana obrigou Moscou a voltar-se para o Oriente Médio, principalmente para a Síria, buscando evitar outra perda estratégica após um governo fortemente pró-ocidental sair vitorioso na Ucrânia.

Na Síria, mais especificamente, as divergências entre Turquia e Rússia ganharam notória evidência. Ancara passou a adotar uma postura mais incisiva que refletiu-se no rompimento das relações diplomáticas com Damasco e na oposição aberta ao regime de Bashar al-Assad. Para mais, reconheceu a legitimidade dos dissidentes que formaram o Exército Sírio Livre (ESL) e passou a compor uma rede de apoio com parceiros ocidentais e regionais para fornecimento de recursos militares e financeiros aos grupos de oposição. Em oposição, Moscou desde o princípio apoiou o governo de Bashar al-Assad, aliado de longa data, ao considerá-lo constitucionalmente legítimo frente aos grupos rebeldes. O motivo para esse apoio está no fato de que a Síria representa o último bastião da influência russa no Oriente Médio (ROBERTO, 2012). O apoio em favor de Assad está intimamente ligado à manutenção do porto de Tartus no na costa oeste da Síria, estrategicamente importante para a projeção de forças russas na região do Mediterrâneo Leste (HARMER, 2012; ROBERTO, 2012). Conjuntamente com o Irã, ambos países apoiaram o governo sírio de forma financeira, militar e diplomática, buscando evitar um maior avanço ocidental na região e o envolvimento da OTAN, como ocorreu no caso da Líbia.

Com isso, os primeiros anos da Primavera Árabe serviram como prelúdio para o acirramento das tensões na Síria. A despeito da distância geográfica – e consequentemente estratégica –, os levantes populares no Norte da África alteraram as dinâmicas geopolíticas do Grande Oriente Médio e encaminharam os países ao seu posterior choque. À medida que as mobilizações adquiriram impulso, a

Turquia passou a apoiar os movimentos revolucionários na Tunísia, no Egito e na Líbia com a esperança de que esses países emulassem seu modelo de democracia liderada por um partido islâmico, principalmente através da Irmandade Muçulmana. Já a Rússia optou por ficar ao lado dos regimes vigentes, apoiando a resistência de Muammar al-Gaddafi e o golpe do General Abdel Fattah el-Sisi no Egito, em 2013 (AKTÜRK, 2016).

A conjuntura de agitação social na Síria eventualmente desenvolveu-se a ponto de ameaçar a estabilidade do governo central. Como consequência, teve início a Guerra Civil Síria (2011-hoje) entre as forças do governo e as forças insurgentes, mas que logo assumiu o caráter de guerra *proxy* como reflexo das disputas de poder regionais. Nesse contexto, Rússia e Turquia assumiram apoio a lados antagônicos na guerra, dando suporte às Forças Armadas Sírias e ao Exército Sírio Livre, respectivamente (DONDONIS et al, 2015). Em 2015, a rivalidade dos dois Estados ante à situação síria atingiu seu ponto máximo, quando a força aérea turca derrubou uma aeronave Su-24 russa sob o pretexto de violação do espaço aéreo da Turquia. Como retaliação, Moscou declarou que reavaliaria as suas relações diplomáticas com Ancara, e optou pela imposição de sanções econômicas contra o país.

5 Conclusão

Rússia e Turquia são dois países em posições geográficas extremamente estratégicas, que conectam o continente Europeu ao continente Asiático. Evidências teóricas e históricas comprovam as suas centralidades para a dinâmica internacional de ambos espaços geopolíticos. Por conseguinte, não impressiona que exista uma disputa de poder estrutural entre esses dois atores, cuja expressão empírica se deu pelos diversos desdobramentos conjunturais nas suas regiões de encontro. Assim, entende-se que a geopolítica age como uma força profunda que condiciona as relações bilaterais e, excluindo-se movimentos contrários esporádicos, as direciona ao conflito.

Nesse sentido, conclui-se que de fato há uma sobreposição de interesses estratégicos nas áreas que conectam os dois países. Indício de tal tendência é justamente a crise atual nas relações, que se desenvolveu mesmo com o crescimento da interdependência econômica. Efetivamente, esse antagonismo nas suas respectivas tentativas de projetar-se como potência regional traduz-se nas três regiões tidas como centrais para esse trabalho. O Mar Negro, o Cáucaso e o Oriente Médio permanecerão sendo os cenários dessa disputa pela proeminência estratégica - conforme mostra a continuidade das tensões entre o alto escalão da diplomacia de ambos os Estados.

Identifica-se, no entanto, uma particularidade da atual conjuntura envolvendo Rússia e Turquia. Em períodos históricos passados, o Mar Negro, o Cáucaso e o

O Oriente Médio foram foco de disputas pontuais e localmente restritas. Distintivamente, nota-se no presente momento que os choques nessas três regiões - Cáucaso (2008), Mar Negro (2014) e Oriente Médio (2015) -, na verdade, fazem parte de um processo mais amplo e definido de crise geral nas relações Rússia-Turquia. Os desdobramentos dessa competição formam um verdadeiro arco de crises, ou uma Zona de Tensão Internacional (ZTI) - à semelhança de outras ao redor do globo, como o Mar do Sul da China e o Oceano Ártico.

Por fim, permanecem alguns espaços para o desenvolvimento de novas pesquisas no que concerne a essa temática. Pouco exploradas aqui, mas de evidente importância, são as posturas de outros atores frente às disputas de poder - Estados Unidos, União Europeia e China, em âmbito global, e Israel, Arábia Saudita e Irã, em âmbito regional. Ademais, aprofundamentos em termos de estudos estratégicos, através de análises de capacidades militares e econômicas, podem acrescentar diferentes perspectivas para a presente questão.

The Geopolitics in Russian-Turkish Relations

ABSTRACT: The Russian Federation and the Republic of Turkey are two important actors in contemporary international relations that are geographically close. It is assumed that geography has an essential role in their interactions, which inevitably occur in the surrounding regions that unite these countries, with overlapping interests. From a theoretical and historical evaluation, it demonstrates a competitive trend despite the cooperative efforts between Moscow and Ankara. Finally, it is understood that the current period is marked by a crisis in the three points of convergence of its ambitions as regional powers (Caucasus, Black Sea and Middle East), constituting a true International Tension Zone (ITZ).

KEYWORDS: Geopolitics; Foreign Policy; Eurasia; Russia; Turkey

Referências

AKTÜRK, S. The Crisis in Russian–Turkish Relations, 2008–2015. **Russian Analytical Digest**, v. 179, p. 2-5, 2016.

ALARANTA, T. Russo–Turkish Relations: Completely in Tatters for the Time Being. **Russian Analytical Digest**, v. 179, p. 5-9, 2016.

ARRIGHI, G. **O Longo Século XX**: dinheiro, poder e as origens do nosso tempo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

AYDIN, M. Turkish Policy Toward the Caucasus. **The Quarterly Journal**, v. 2, p. 39-47, 2002.

BRITANNICA, E. **Treaty of Lausanne | Allies-Turkey [1923]**. Disponível em: <<http://global.britannica.com/event/Treaty-of-Lausanne-1923>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

BRZEZINSKI, Z. **The Grand Chessboard: American Primacy and Its Geostrategic Imperatives**. Washington: Basic Books, 1997. p. 223.

BUGAJSKI, J.; DORAN, P. B. **Black Sea Rising: Russia's Strategy in Southeast Europe**. Center for European Policy Analysis. Washington, p. 1-20. 2016.

BUSHKOVITCH, Paul. **História Concisa da Rússia**. São Paulo: EDIPRO, 2014.

CHAUSOVSKY, E. **The Caucasus: A Crucible for Eurasian Powers: Russia and the West Collide**. Washington: Stratfor, 2015. Acesso em: 15 jun. 2016.

CONANT, M. A.; GOLD, F. R. **A Geopolítica Energética**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

DONDONIS, E. et al. Combined Joint Task Force: Operation Inherent Resolve. **UFRGS Model United Nations**, v. 3, p. 77-132, 2015.

HARMER, Christopher. **Russia's Syrian Naval Base**. The Diplomat. Disponível em: <<http://thediplomat.com/flashpoints-blog/2012/08/21/russias-syrian-navalbase/>>. Acesso em: 29 jul. 2016.

HOBSBAWM, E. J. **A Era das Revoluções**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

IOFFE, J. **The Czar vs. The Sultan**. Disponível em: <<http://foreignpolicy.com/2015/11/25/the-czar-vs-the-sultan-turkey-russia-putin-erdogan-syria-jet-shootdown/>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

JELAVICH, B. **Russia's Balkan entanglements, 1806-1914**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

KANAT, K. **AK Party's Foreign Policy: Is Turkey Turning Away from the West?**. Insight Turkey, v. 12, n. 1, p. 205-225, 2010.

KENNEDY, P. **Ascensão e queda das grandes potências: transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

KISSINGER, H. **Ordem Mundial**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda., 2014.

KUCHINS, A. MANKOFF, J. Turkey, Russia and Iran in the Caucasus. In: **The Turkey, Russia, Iran Nexus: Evolving Power Dynamics in the Middle East, the Caucasus, and Central Asia**. Tradução . 1. ed. Washington: CSIS, 2013.

MACKINDER, H. The Geographical Pivot of History. **The Geographical Journal**, v. 23, n. 4, p. 421-437, 1904.

MANKOFF, J. **Why Russia and Turkey Fight**. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/turkey/2016-02-24/why-russia-and-turkey-fight>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

OLIVEIRA, L. **Energia como recurso de poder na política internacional: geopolítica, estratégia e o papel do Centro de Decisão Energética**. Doutor—[s.l.] Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

OSKANIAN, K. **Turkey's global strategy: Turkey and the Caucasus**. IDEAS Reports, 2011.

RATZEL, F. **Géographie Politique**. Tradução. Paris: Genève: Editions Regionales Européennes, 1988. p. 385

ROBERTO, W. M. O papel russo na crise síria e sua decorrência internacional. **Revista perspectiva: reflexões sobre a temática internacional**, Porto Alegre, v. 05, n. 9, p. 57-72, Agosto/Setembro 2012.

ROCHA, D. D. Q. et al. Assembleia Geral das Nações Unidas: A Situação na Ucrânia. **UFRGSMUNDI: Guia de Estudos**, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 70-100, 2015.

SAVRANSKAYA, S. ZUBOK, V. Cold War in the Caucasus: Notes and Documents from a Conference. **Cold War International History Bulletin**, n. 15, p. 399-450, 2004.